

VIVER

PSICOLOGIA

ANO 2-Nº. 24-R\$ 2,90

Paixões
a mil

A Vitória
de Chico Anysio

O auto-conhecimento
e a intimidade

Mulher:
sexualidade e menopausa

A Velhice

sob a ótica dos jovens



O Brasil, o país jovem e de futuro, começa a dar os primeiros sinais de amadurecimento. Estatísticas nos dão conta que a expectativa de vida e a população de idosos estão se ampliando. Isto requer uma retomada de valores que resgate em nossa sociedade a importância e o respeito à terceira idade. Por parte dos jovens e de todos nós.

Por Ênio Brito Pinto

Há muito tempo venho lidando com jovens, quer no consultório, quer em aulas de orientação sexual ou na faculdade. Durante todo este tempo, uma atitude dos jovens vem me impressionando sobremaneira: a forma como eles se referem aos velhos. Fico curioso tentando entender o que é que os leva a ver da maneira que vêm a velhice e, ao mesmo tempo, sinto-me entristecido ao ver este tipo de preconceito presente em grande parte de nossa juventude.

Nas aulas sobre sexualidade, por exemplo, quando há o comentário acerca da possibilidade de uma vida sexual até a velhice não é raro alguém fazer piadas que dizem da pouca valia que tem a velhice para nosso jovem. Em consultório, no mais das vezes em que algum adolescente comenta sobre pessoas idosas, este comentário de forma alguma vem acompanhada de uma atitude de respeito ou de gratidão. Pelo comentário, os jovens tendem a olhar para os velhos como se olha para algo que não tem mais o menor valor, algo que já deu o que tinha que dar e que, por isto, é desprezível.

Sei que alguns vão argumentar que isto é típico da juventude desde os tempos imemoriais pois os jovens estão começando um caminho já trilhado pelos velhos e, inconscientemente, os jovens sabem que o caminho terá por fim a velhice. Desprezar os velhos seria, assim, a forma de negar a possi-

bilidade do fim da juventude, sendo uma manifestação da tão falada onipotência adolescente. Rejeitando os velhos, os jovens rejeitam a velhice que começa a nascer neles próprios.

Não nego que este tipo de argumento tem lá sua dose de razão, mas penso que ele é por demais simplista. Este tipo de explicação é parcial e alienante, como a maioria das explicações sobre ser humano que não levam em conta o contexto em que uma ação se dá, como se nós pudéssemos ser apenas parcialmente sociais.

Há, como bem nos lembram os antropólogos, todo um campo, maior, ao qual temos que dar atenção para podermos prosseguir nesta nossa reflexão sobre o relacionamento entre jovens e velhos. E é importante que prossigamos até a exaustão nesta reflexão, pois parte importante das mudanças que a maioria de nós deseja para nosso mundo e para nosso país passa pela mudança de atitude diante de nossa história e de nosso passado, corporificado hoje naqueles que estão na chamada "terceira idade".

No passado, eram sábios

Não vai longe o tempo em que os mais velhos eram cultuados como centro e fonte de sabedoria em uma sociedade. Era um tempo em que os valores humanos eram pautados principalmente pelo passado, um tempo de

moral mais rígida em que as regras de convivência social eram lineares, conhecidas, e serviam para todos, independentemente da idade ou da classe social. A vida corria mais lentamente, a comunicação entre as diversas partes do mundo era mais difícil e demorada, a tradição vencida com folga o novo.

A família era comandada pelo membro mais velho, que tinha um respeito reverencial dos outros, e era por eles consultado sempre que surgia a necessidade de alguma decisão ou de algum posicionamento mais importante. Os avós - notadamente o avô - eram fixos e firmes pontos de referência, sua experiência era valioso farol a orientar os mais jovens em meio à navegação entre as emoções da vida.

Com o passar do tempo e com o incremento do progresso, com a admirável conquista da velocidade cada vez maior na comunicação entre as regiões do globo, o olhar cultural mudou seu foco, colocando a atenção nas pessoas de meia idade e não mais nos idosos. Quem passa a receber maior atenção cultural e maior poder é a pessoa que está no que poderíamos chamar de segunda idade, pois esta pessoa está cheia ainda de vivacidade para acompanhar as mudanças que se fazem necessárias, além de já ter uma experiência de vida suficiente para deixar de lado os arroubos da juventude.

É um tempo em que, por exem-

plo, o jovem, ao escolher seu caminho profissional, leva em conta principalmente o caminho trilhado pelo pai. É um tempo em que os pais querem que os filhos sigam seu caminho. Já não é mais o passado que prepondera, mas o presente. A moral desloca-se do "era assim" para o "é assim". A sociedade começa um processo de renovação de valores em que a experiência do timoneiro se torna mais importante que a luz do farol.

Enquanto isto, a adolescência vai esticando, a universidade se democratiza e mais e mais pessoas têm acesso a ela. O conhecimento deixa de ser um privilégio dos mais idosos, passando a ser de propriedade de todos os adultos. Ampliando-se o conhecimento e aumentando-se o número de pessoas que têm acesso a ele, ele se fragmenta e se verticaliza, surgindo as especializações. O olhar cultural se fixa cada vez mais no aqui e agora, no presente, fonte de descobertas e de sabedoria.

A modernidade, olhando só para frente

O tempo passa, e o olhar cultural vai buscando novo foco, principalmente depois do advento da informática. O futuro passa a chamar a atenção do olhar cultural, pois é lá que as coisas acontecerão, é lá que terá resultado o esforço social de hoje. O jovem passa a ser o referencial, na medida em que nele está a necessária agilidade para acompanhar os passos do progresso humano. Novas profissões surgem, fazendo com que nem os pais nem os avós possam ser parâmetros para uma escolha de atividade profissional. O critério do jovem para a escolha profissional está principalmente na tentativa de previsão sobre como estará o mercado de trabalho daqui a algum tempo, vale dizer: no futuro.

Os adultos já não conseguem nem mesmo brincar com um videogame, que dirá compreender o funcionamento de um computador de última geração. Cheios deste novo poder, os filhos enfrentam, ativos, os pais que, indecisos e cheios de psicologismos, não sabem como se fazer respeitar, deixando de sinalizar aos jovens os importantes limites que a vida nos impõem e com os quais só com o tempo aprendemos a lidar sem necessitarmos de uma assessoria mais experiente.

No Brasil, elege-se um presidente porque é jovem, pouco importante sua personalidade, sua história ou sua ideologia. É o tempo da modernidade. O mercado de trabalho, que já era difícil para quem tinha mais de quarenta anos, passa a ser restrito também para quem está pouco além dos trinta. As academias de ginástica moldam corpos fortes e cheios de músculos, pouco importa se graciosos ou não.

A Medicina, cumprindo seu destino de tentar ser uma Teologia, busca a fonte da juventude e consegue progressos notáveis. Mais e mais pessoas fazem caminhada, mais e mais pessoas tomam vitaminas rejuvenescedoras, doenças são vencidas, a expectativa de vida se amplia, há menos crianças no mundo, a idade média dos povos fica mais alta - está montado o paradoxo. Mais velhos no mundo: mais pessoas com vida ativa e com enorme potencial para o trabalho, um trabalho que está dirigido principalmente para os mais jovens. O que fazer? Como conciliar a visão predominantemente voltada para o futuro com o aumento de pessoas mais experientes na população? Para onde queremos seguir? Como estamos lidando com este inevitável olhar para o futuro?

Monumentos ao passado, presente e futuro

Há pouco tempo, eu viajava de Metrô, quando, em uma das estações, entrou no carro cheio uma velhinha que se postou de pé perto de onde eu me encontrava. Estávamos próximos dela dois púberes, um jovem na faixa de seus vinte anos e eu, já bem entrado na casa dos trinta. Esperei durante um tempo por alguma manifestação dos mais jovens. Nada aconteceu, de forma que cedi meu lugar a ela.

Continuarei a viagem pensando nos valores que norteiam a garotada de hoje. Lembrei-me de certa vez ter lido que há lugares na Europa onde, ao sair de casa, as pessoas se defrontam com paisagens e com monumentos que foram vistos por seus pais, por seus avós, por seus ascendentes de inúmeras gerações. Não é à toa que por lá a velhice é digna de homenagens e de consideração especial: a todo instante as pessoas são lembradas pelo ambiente em que vivem de quanto caminho foi percorrido para que se chegasse a

este momento em que cada um de nós está vivo.

Por aqui, orgulhamo-nos de sermos um país jovem e de imenso potencial. Será que não exageramos nesta ênfase na juventude? Será que, ao acompanharmos o olhar cultural que privilegia o futuro, não erramos na dose e passamos a olhar só para o futuro, como se ele surgisse do nada, independente do passado?

É óbvio que não temos um país como gostaríamos que fosse. É claro que gostaríamos de ter por aqui menos injustiça social, riqueza melhor distribuída, menos corrupção. Grande parte do mal estar que sentimos ao nos percebermos cidadãos deste país tem sua origem em erros do passado, em erros de gerações que nos precederam. Geralmente temos muita facilidade para apontarmos estes erros. E muita dificuldade para apontarmos os acertos. Sim, porque eles existem, e são maioria. São estes acertos das gerações que precederam que nos permitem olhar ainda com muita esperança o futuro, além de nos fazer crer na possibilidade de aprender com os erros cometidos.

Não penso que devamos voltar ao tempo em que toda a orientação moral e todos os caminhos sociais eram ditados pelos idosos. Não, isto hoje não teria cabimento. Nosso olhar se volta inexoravelmente para o futuro. Mas ele não pode ser voltar somente para o futuro.

Espero que possamos olhar também para o passado, para que não nos esqueçamos de que somos a continuação daqueles que vieram antes e estão em nós, são parte de nós. Respeitá-los e admirá-los é forma de aumentarmos o respeito para conosco mesmos, é forma de aumentarmos consistentemente nossa auto-estima.

Comecei este artigo falando de um mal estar que sinto num aspecto de meu contato cotidiano com os jovens. Quero terminar dizendo que de forma alguma penso que seja privilégio dos jovens este descaso para com as pessoas da terceira idade, este descaso para com o passado. Isto está presente em todos nós. Os jovens somente são mais ingênuos e mostram mais claramente aquilo que com o tempo vamos aprendendo a disfarçar clinicamente. Ψ

Ênio Brito Pinto é psicólogo, psicoterapeuta e professor universitário